

AS ESTRATÉGIAS LINGUÍSTICAS E COGNITIVAS QUE REGEM O INTERNETÊS – A ESCRITA EM REDE - NOS COMENTÁRIOS DO FACEBOOK

Prof.^a e Mestre Cristina Normandia, Prof.^aDr.^a Maria Teresa Tedesco V. Abreu
Instituto de Letras - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – Rio de Janeiro-
RJ - Brasil.

canormandia@yahoo.com.br, teresatedesco@uol.com

Resumo

Embasado na concepção sócio-interacionista, que compreende a língua como lugar de interação (KOCH,2002), o artigo trata da relação dos aspectos linguísticos do internetês com o contexto sociocognitivo de que os interactantes fazem parte. Na interação verbal dos interactantes na internet, os modelos de contexto vão interferir nos estratos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos, e vão determinar como se organiza o projeto de dizer (Van Dijk, 2012). Dessa forma, o artigo buscou comprovar que avaliar o internetês numa perspectiva de “certo” ou “errado” é teoricamente superficial. É mais significativo, preenchermos as lacunas ainda existentes sobre esse uso da língua na internet com o contexto sociocognitivo.

Abstract

Grounded in social-interactional conception, which comprises language as a place of interaction (KOCH,2002), the article deals with the relationship of linguistic aspects of “internetish” with social cognitive context from which the interactants are a part. In verbal interaction between interactants on the internet, context models will interfere with phonological, morphological, syntactic and semantic strata, and will determine how it organizes the discourse project (Van Dijk, 2012). Thus, this paper aims to prove that evaluate the “internetish” in a perspective of “right” or “wrong” is theoretically superficial. It is most significant that we fill the remaining gaps on this use of language on the internet with social cognitive context.

Internet: o cenário para uma recente prática da língua

A internet está comemorando vinte anos de implantação e se tornou a base da comunicação em nossas vidas, nos campos profissionais, pessoais, de entretenimento, da política e da religião [CASTELLS,1999]. Nesse processo de comunicação, a escrita é a base da interação virtual, que junto da imagem e do som formam um complexo sistema tecnológico. A escrita desenvolvida na internet, especificamente nas redes sociais, é caracterizada como sedutora, espontânea e de fácil comunicabilidade que, de acordo com Bakhtin (2010, p. 261) reflete “as condições específicas e as finalidades de cada referido campo”.

Dessa forma, em oposição à perspectiva reducionista de alguns teóricos em relação ao uso da língua nos gêneros discursivos digitais, propomos na nossa discussão a perspectiva sócio-interacionista, que se baseia no conceito de língua enquanto prática de interação social. Para nós, a língua(gem) na/da internet ou o “internetês” deve ser compreendida como um “produto” do discurso. Aliás, de imediato, começaremos discutindo o próprio conceito de internetês, mesmo ainda sendo utilizado por nós nesse estudo. Sinalizamos que há embutido no conceito de internetês uma concepção prescritiva, que defende a dicotomização da língua, propondo que a fala e a escrita possuem suas características específicas. A fala é caracterizada como subjetiva, não-normatizada e fragmentária e a escrita como normatizada, precisa e completa, ou seja, o prescritivismo é uma visão maniqueísta em relação à língua, em que considera o “certo” e o “errado” no uso da língua. Por isso, comumente se ouve afirmações sobre o “internetês”, que o define como um desvio do padrão linguístico, que é uma qualidade da escrita.

A prática da língua no ambiente virtual se dá pela modalidade escrita, entretanto, esse uso da língua atende as condições específicas do contexto virtual. Uma particularidade da internet é de ser uma comunicação hipertextual, ou seja, uma comunicação não sequencial e não linear, isso interfere na prática da língua, que visará atender a não linearidade da comunicação hipertextual. Sendo uma comunicação hipertextual, há uma motivação para a interatividade, como ocorre em ambientes virtuais com o perfil do *Facebook*, por exemplo. A interatividade, também, influenciará

no uso da língua, justificando a produção de enunciados como “gataaaaa” ou “Gata garota!” ou “<3 <3 <3” (que é o emoticons do coração). Logo, temos uma prática da língua bastante híbrida. Essas particularidades definem a modalidade escrita desenvolvida no contexto virtual como distinta da prática da língua presente, por exemplo, na conversação face a face e presente no diálogo entre os personagens “Bentinho” e “Capitu”, no romance “Dom Casmurro”, de Machado de Assis.

Tedesco [*in* SIMÕES org. 2013, p. 481.] observa que a língua se processa num continuum, em que traços da fala podem em certo contexto ser perceptível na escrita e vice-versa. Segundo a autora, a variação linguística ocorrerá na fala e na escrita e as diferenças “serão balizadas não só pelo gênero discursivo que materializa a língua, mas também pelo propósito comunicativo do enunciador, bem como sua intenção comunicativa no seu processo de dizer”. O que ocorre na internet, é que a prática da língua nesse contexto tem traços que remetem tanto a fala quanto a escrita, mas não é a modalidade oral e também não é a modalidade escrita. Certamente, o melhor conceito para essa modalidade da língua seja “Escrita em rede”, por causa das múltiplas conexões presentes nesse uso da língua. Tanto a conexão virtual quanto a conexão cognitiva, em que se destacam os aspectos hipertextuais, interacionais e híbridos. Desta forma, o conceito de internetês pouco atende aos propósitos comunicativos do ambiente virtual, mas acabou se tornando um senso-comum.


A partir dessa perspectiva, muda-se a compreensão dos enunciados produzidos em gêneros digitais de perfil conversacional como é o caso, por exemplo, dos comentários postados na página de perfil do *Facebook*, que se assemelham aos *chats* abertos, por causa da sua estrutura conversacional. Propomos que as críticas até então feitas sobre essa atividade linguística, como, por exemplo, ser ininteligível por causa dos desvios ortográficos [POSSENTI, 2009], seja produto de uma análise transfrática [KOCH, 2002] e, como já dito, prescritivo, em que o contexto era simplesmente considerado como o entorno verbal, o co-texto. Para Tedesco [*in* SIMÕES org. 2013, p. 478.]

... no processo cognitivo que se estabelece, o(s) conhecimento(s) de mundo adquirido(s) pelo sujeito é (são) acionado(s), permitindo uma múltipla inter-relação de conhecimentos, batizada, digamos assim, pelo esforço em atribuir sentidos ao que está sendo lido.

Isso se torna a “lupa” para nossa apreciação do “internetês”, ou da escrita em rede, enquanto um dos aspectos que constitui o gênero discursivo comentário no perfil do *Facebook*, que discutiremos a seguir.

As estratégias cognitivas acionadas no processamento textual

A rede social *Facebook* é o site de interatividade mais popular da internet. Tem em torno de onze anos de existência e foi criado pelo jovem empreendedor Mark Zuckerberg. O *site* social apresenta duas seções, o Perfil e o *Feed* de notícias. O Perfil se assemelha ao *weblog*, pois, é uma página pessoal em que o proprietário publica observações/anotações diárias ou não, é facilmente atualizado e as atualizações são sempre datadas. Sendo o Perfil de caráter pessoal, é natural que a página reflita o estilo do seu proprietário, que pode ser muito diversificado, variando de um estilo mais simples ao mais egocêntrico. Há uma facilidade no processo de postagem de fotos, de vídeos, de textos que transformam o Perfil num hipertexto. Koch (2002, p.63) define o hipertexto como “um suporte linguístico-semiótico hoje intensamente utilizado para estabelecer interações virtuais desterritorializadas”.

São três ações que reforçam a interatividade no *Facebook*: “Curtir”, “Comentar” e “Compartilhar”. Ações que possibilitam o fluxo das informações na rede social e podem ocorrer simultaneamente ou não. O “Curtir” tem sentido de “gostar” e é simbolizado pelo signo não verbal “”. É uma ação muito comum e significativa para os usuários. Para os jovens, por exemplo, o número de curtidas em suas atualizações indica popularidade. O “Comentar” corresponde à natureza do diálogo, a simulação de uma conversa face a face. E a ação de “Compartilhar” tem o propósito de divulgar um texto, uma imagem ou um vídeo. A segunda seção do *Facebook* é o *Feed* de notícias ou “mural”, no qual são expostas as atualizações dos Perfis do *site* social.

Os comentários postados, no *Facebook*, organizam o gênero comentar, que é uma comutação do gênero *chat*, Marcuschi e Xavier (2010) dizem que os gêneros digitais sofrem “transmutações” de outros gêneros já existentes. Os comentários podem ocorrer de forma síncrona ou assíncrona, aspecto relevante no ambiente virtual que se torna um fator de contextualização. As postagens dos comentários se organizam

formando um diálogo ou uma conversação entre dois ou mais interactantes, em que são acionadas estratégias de uma conversação face a face como: a interação entre pelo menos dois falantes; a ocorrência de pelo menos uma troca de falantes; a presença de uma sequência de ações coordenadas; a execução numa identidade temporal e o envolvimento numa “interação centrada” [MARCUSHI 2007, p.15]. Sendo assim, os interactantes acionam na interação *online* os conhecimentos armazenados na memória [KOCH, 2002, p.24], que são o conhecimento linguístico (gramática e o léxico), o conhecimento enciclopédico (*frames* e *scripts*), o conhecimento da situação comunicativa (situacionalidade), o conhecimento superestrutural (tipos textuais), o conhecimentos estilístico (registros, variedades de língua de acordo com a situação comunicativa), o conhecimento de variados gêneros discursivos (adequados às distintas práticas sociais) e o conhecimento de outros textos (Intertextualidade), que vão tornar a atividade significativa para os participantes.


Desse modo, os interactantes aproximam, cognitivamente, a interação *online* da conversação face a face, tornando-a subjetiva, espontânea e significativa, como observaremos nos exemplos propostos a seguir. Marcuschi & Xavier (2010, p. 35) falam que “...nos bate papos abertos são construídas identidades sociais muito diversas daquelas das conversações face a face”.

Conversa 1.


Parabéns!!

👍 Curtir 💬 Comentar

Carol  curtiu isso.

Carol  hahaha brigada atrasado!!!!
17 de dezembro de 2014 às 01:08 · Curtir · 👍 1

Pedro  🎉🎉🎉🎉🎉🎉🎉🎉🎉🎉
17 de dezembro de 2014 às 01:10 · Curtir · 👍 1

Carol  ahahaha 🍷🍷🍷🍷
17 de dezembro de 2014 às 01:11 · Curtir · 👍 1

Na conversa em destaque, o participante ‘Pedro’ felicita a amiga ‘Carol’ pelo seu aniversário, como podemos ver na parte superior da conversa (Parabéns!!), que se torna o tópico da conversação. A ‘Carol’ tem uma atitude responsiva, observando que o amigo está atrasado em sua felicitação. Podemos observar que há no texto uma

organização estrutural semelhante a que ocorre na conversação face a face [MARCUSCHI, 2007, p. 19]:

⇒ A: fala e para / B: toma a palavra, fala e para / A: retoma a palavra, fala e para/ B: volta a falar e para.

Essa organização estrutural reforça o que foi dito, anteriormente, sobre os conhecimentos armazenados na memória, que são acionados pelos sujeitos sociais. Os participantes ‘Pedro’ e ‘Carol’ acionam as estratégias conversacionais para tornarem possível a interação no *Facebook*. Então, utilizam os recursos linguísticos verbais e não-verbais, que são denominados de marcadores conversacionais, para realizar a progressão textual. Entre os recursos linguísticos verbais, se destaca a ocorrência da onomatopeia, que faz parte do nível fonológico da língua, que na conversa 1 expressa uma risada debochada e espontânea. E para continuar correspondendo a esse clima humorado, os interactantes usam ricamente nas trocas de turnos os *emoticons*, que são marcadores paralinguísticos, que trazem para interação *online* a vivacidade das expressões fisionômicas e dos gestos. Street (2014, p.24) observa que quando

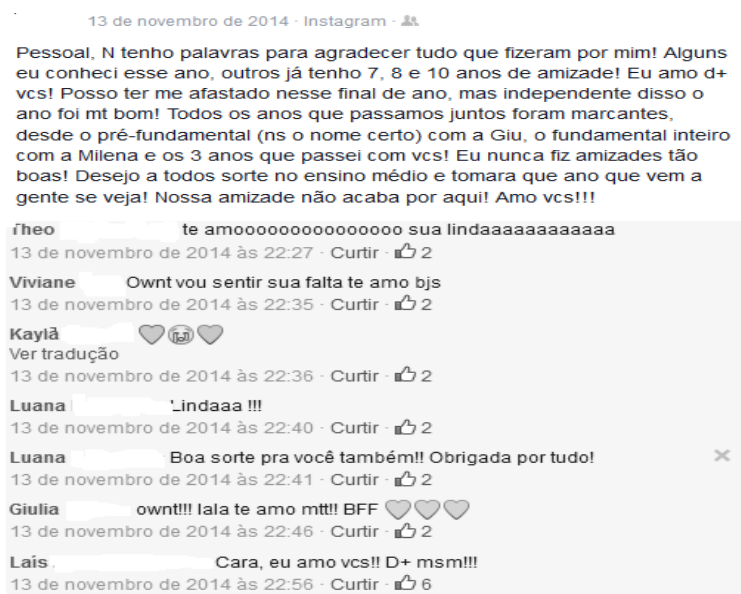
partimos da língua e do discurso como práticas sociais e então perguntamos de que modo convenções particulares são criadas e reproduzidas em contextos específicos, talvez descubramos que existem situações em que o foco nas diferenças entre fala e escrita não é relevante para nosso entendimento da situação.

A partir da conversa acima, devemos compreender as redes sociais como uma extensão da família, da escola, do clube, da academia, do condomínio, da faculdade, da comunidade religiosa etc., assim, os amigos adicionados ao *Facebook*, por exemplo, costumam pertencer a algum desses vínculos sociais, logo, se constrói uma sociedade em rede [CASTELLS 1999]. Desse modo, os assuntos, que são postados pelos jovens em seus perfis, costumam pertencer a essa diversidade de interações sociais, sinalizando que os interactantes possuem conhecimentos linguísticos, de mundo e sociointeracional comuns. Isso é importante, pois, segundo Koch (2002, p. 64) “quanto maior for essa parcela, menos será a necessidade de explicitude do texto, pois, o receptor será capaz de suprir as lacunas, por exemplo, através de inferências...”, aspecto essencial num processo de conversação.

Definimos, portanto, as temáticas mais comuns entre os jovens nas conversações dos perfis do *Facebook*: Felicitações (aniversário, formatura, religiosas, etc.), Família, Namoro, Amizade e Hobby (esporte, lazer ou passatempo). As temáticas desenvolvidas

nas conversações determinam o tópico da conversação. Marcuschi (2007, p. 77) informa que a conversação só existirá se tiver “algo sobre o que conversar, nem que seja sobre futilidades, ou sobre o tempo, e se isto é conversado”. Observe a análise da conversa 2 abaixo.

Conversa 2.



Podemos definir que o tópico da conversa 2 é “Agradecimento” e nas trocas de turno ocorrem asserções, que valorizam a importância da amizade. O clima de amizade possibilitado pelo tema da conversa 2 propicia a subjetividade, a espontaneidade e a criatividade, que serão revelados pela estrutura linguística. O conhecimento linguístico engloba a gramática e o léxico, que organizam a superfície textual e vão possibilitar a progressão semântica do texto. A estrutura linguística é apenas uma “conexão” na diversidade de “conexões” que compõem a “tessitura” da escrita em rede. A “conexão linguística” sozinha não possibilita a construção de uma rede significativa que se dá a partir da relação textual com o contexto cognitivo. Koch (2002) adverte que a mobilização dos conhecimentos linguísticos, de mundo e sociointeracional realiza-se através de estratégias de ordem cognitiva, sociointeracionais e textuais. Assim, consideramos que uma análise linguística sem considerar o contexto é

insuficiente para a compreensão do propósito comunicativo do enunciador e da sua intenção comunicativa em seu projeto de dizer.

Destacamos da conversação 2 os aspectos linguísticos que desenvolveram a progressão temática e a produção de sentidos, logo, podem ser considerados marcadores conversacionais:

- 1) a braquissmia – nível fonológico e morfológico: é a redução da estrutura fonológica. Caracteriza o conceito de língua fragmentada: d+vcs, mt, N;
- 2) a repetição vocálica no final da palavra : amooooooooooooooooo e lindaaaaaaaaaaaaa. A repetição vocálica indica, fonologicamente, uma exaltação dos sentimentos. Atribuímos, também, a repetição vocálica uma qualidade morfológica com valor superlativo, que é verificado quando se utiliza o sufixo [íssimo(a)];
- 3) a onomatopéia – nível fonológico: Ownt;
- 4) o potencial expressivo da pontuação : uso constante da exclamação;
- 5) o uso dos paralinguísticos : :x :(- os *emoticons*;
- 6) a predominância de palavras de valor emotivo e de intensidade : o adjetivo linda e feliz, o verbo amar e querer, o substantivo amizade e saudade, os advérbio intensivos muito e tão.

Esses são aspectos linguísticos comuns nessa modalidade de uso da língua que é o internetês, que só é significativo no contexto das redes sociais em gêneros digitais de estilo dialógico.

Conclusão

O propósito do artigo foi apresentar uma interpretação das estratégias linguísticas do internetês, ou escrita em rede, como pertencente a uma rede de conhecimentos que são acionados durante o processo de troca de comentários, que inclui outros conhecimentos como, por exemplo, o enciclopédico (*frames* e *scripts*) e o sóciointeracionista (situacionalidade). Para nós, as particularidades fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas são regulamentadas pelo contexto sociocognitivo de que o falante faz parte.

Isso ficou explícito nas conversações analisadas no artigo. Os interactantes trocam informações de forma ordenada, coesa e coerente. Eles compartilham conhecimentos comuns, que propiciam o uso criativo e espontâneo da língua. Sendo

assim, o potencial expressivo do enunciado “Eu amo d+ vcs!”, não pode ser analisado numa perspectiva transfrástica, porque não dá conta de depreender os sentidos presentes no processo de interlocução.

Dessa forma, a principal característica dessa prática social da língua é a “coletividade”, por isso o conceito de escrita em rede. Bakhtin (2010) diz que os enunciados (orais e escritos) reproduzem as condições específicas e as finalidades de cada campo de atividade humana a partir do conteúdo, do estilo e da seleção dos recursos linguísticos, configurando, assim, o projeto de dizer.

Referências Bibliográficas

- BAHKTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DIJK, Teun A. Van. Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva. Tradutor Rodolfo Ilari. – São Paulo: Contexto, 2012.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A coerência textual. São Paulo: Contexto, 1998.
- . Desvendando os segredos do texto. São Paulo: Cortez, 2002.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2003.
- . Análise da Conversação. 6.ed. São Paulo: Ática, 2007.
- & XAVIER, Antonio Carlos (org.) Hipertexto e gênero digitais: novas formas de construção de sentido. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- STREET, Brian. Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução Marcos Bagno. -1.ed – São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- TEDESCO, Maria Teresa. “Educação a distância: o processo de interação e autoria em EAD na perspectiva da linguagem”. In. Semiótica, Linguística e Tecnologias de Linguagem. Homenagem a Umberto Eco. Darcília M. P. Simões (org.). Rio de Janeiro: Dialogarts, 2013. p.476-493.